

Aristófanes vai à escola – Adriane da Silva Duarte



Aristófanes vai à escola

Adriane da Silva Duarte*



As Nuvens, Aristófanes

O teatro de Aristófanes é considerado difícil para o grande público. Ao contrário da tragédia, sua contemporânea, a comédia antiga não busca sua inspiração no vasto arsenal de mitos gregos, mas tematiza o cotidiano da cidade e seus personagens, cidadãos ilustres, anônimos, e outros caricatos, fruto da imaginação do poeta. Essa imersão no contexto político torna Aristófanes um autor assombrado pelas notas de pé de página, a ponto de, na adaptação que os Parlapatões fizeram de duas de suas comédias, terem sido transpostas para a cena na figura de um ator acorocado sobre um skate, que era puxado para o palco sempre que preciso esclarecer alguma referência obscura.^[1] É também indubitavelmente um autor adulto, cujo humor explora a obscenidade, temas políticos e paródias.

Sendo assim, Aristófanes não é um autor que normalmente se apresente a crianças,^[2] ainda que elas venham sendo cada vez mais cedo introduzidas ao universo adulto através de novelas, séries e até mesmo desenhos animados, que muitas vezes tentam agradar também àqueles que as acompanham, ou seja, os pais – a presença de paródia em animações destinadas a crianças bem pequenas e cujo referencial não lhes poderia ser conhecido mereceria um estudo à parte. Apesar disso, fui convidada a dar uma aula sobre a comédia grega para alunos das sexta e sétimas séries (entre 11 e 12 anos, portanto) da Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, no bairro do Butantã, São Paulo.

A escola, que se destaca na busca de uma pedagogia inovadora (amorimlima.org.br), acolheu a proposta de docentes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para introduzir seus alunos nas línguas grega (6ª e 7ª séries) e latina (5ª série) e sua cultura. O Projeto Minimus, apoiado pela Pró-reitoria de Cultura e Extensão da Usp, idealizado e coordenado pela professora Paula Côrrea, envolve alunos de graduação e pós-graduação dessas áreas, que assumem o dia-a-dia das classes, com a colaboração eventual dos docentes, que participam com aulas específicas – e é aí que eu entro.

Fui chamada a dar a primeira dessas aulas especiais para que as crianças pudessem saber mais sobre a comédia de Aristófanes. Essa escolha, que poderia causar estranhamento em vista do que está dito no parágrafo inicial, justifica-se porque Diceópolis, personagem principal da comédia *Acarnenses*, é bem conhecido dos alunos já que também tem destaque no método adotado para ensinar-lhes a língua. Assim, vários dos textos iniciais da apostila descreviam esse camponês ateniense, que preferia o campo à cidade.



Ainda assim, a tarefa de falar de tal autor para alunos tão jovens e cheios de energia, bem diferentes do público para que leciono habitualmente na Universidade, constituía um desafio. As notícias que chegavam da sala de aula davam conta de turmas de ânimo mais ativo que contemplativo e, sendo assim, era preciso pensar uma estratégia. Decidi dividir a aula em três partes, comportando: 1) uma introdução bem sucinta sobre a comédia grega e seu contexto; 2) o resumo do enredo de uma peça específica, *Acarnenses* no caso; 3) a realização de uma leitura dramática de duas cenas da comédia, traduzidas e adaptadas, a cargo dos alunos.

Para a introdução, a ideia era buscar apoio na experiência anterior dos alunos, que embora frequentem escola pública, tinham quase todos ido ao teatro em mais de uma ocasião. Assim, eles foram ajudando a determinar os elementos que compõem o espetáculo dramático e que podiam ser atestados também no teatro grego: palco, atores, figurinos, história, plateia, etc. Cada um dava oportunidade para caracterizar o que era específico daquele contexto e apontar outros como as máscaras, que os atores usavam, e o coro, grupo de cidadãos que encarna uma personagem coletiva, expressando-se pelo canto e pela dança.

A escolha de *Acarnenses*, para ilustrar de forma mais concreta o gênero, permitia explorar a familiaridade das turmas com o personagem principal, Diceópolis, com esperança de envolvê-los ainda mais com o aprendizado da língua, dando relevo a sua figura.

Por fim, a leitura dramática previa o engajamento dos alunos, divididos em dois grupos, cada qual encarregado de encenar uma cena da comédia. Foram escolhidas cenas do final da peça, em que Diceópolis, após garantir a paz com os espartanos somente para si e sua família, abre um mercado para comerciar com os inimigos – o comércio estava vetado aos demais atenienses, que racionavam alimentos por conta do embargo. Na primeira cena, um megarense, também ele castigado pela fome, consequência da guerra continuada entre

atenienses e espartanos (Guerra do Peloponeso), tenta vender suas filhas, disfarçadas de porquinhas, a Diceópolis. Na segunda, um tebano troca inúmeras iguarias em falta em Atenas por um produto local que os atenienses tinham de sobra, um alcaguete, que aparece para atrapalhar a negociação. Em ambas, o coro tem uma participação importante, interagindo com as personagens e refletindo sobre a consequências de suas ações. Máscaras, figurinos e cenários foram improvisados, até com o mobiliário da sala de aula.

Embora os resultados não tenham sido uniformes, pode-se dizer que de uma forma geral os alunos se envolveram e alguns chegaram mesmo a improvisar sobre o texto dado, mostrando terem captado bem o espírito da comédia aristofânica. A ideia era menos informar do que formar futuros leitores, fazendo também a ponte necessária entre o ensino da língua, o aspecto verdadeiramente inovador desse Projeto, e o seu uso, que no caso do grego antigo e do latim é, necessariamente, literário. Para mim, ficou a lição que Aristófanes – assim como Homero, Safo, Eurípides, Plauto, Virgílio e companhia-, não só pode, como deve frequentar as séries iniciais da escola.



* Professora de língua e literatura grega na Universidade de São Paulo, tradutora das comédias de Aristófanes *As Aves* (SP: Hucitec, 2000) e *Duas Comédias: Lisístrata e Tesmoforiantes* (SP: Martins Fontes, 2005).

[1] *As Nuvens e/ou Um deus chamado dinheiro*, adaptação de Hugo Possolo para *As Nuvens e Pluto*, de Aristófanes, estreou em 2003 no Festival de Teatro de Curitiba. O programa da peça, fotos e as críticas da época podem ser encontrados no site do Grupo: <http://www.parlapatoes.com.br/peca-release-content.php?id=8>

[2] Dignas de nota, no entanto, são as adaptações de Ana Flora de *As Aves*, *Lisístrata* e *Pluto* para o público jovem – as duas primeiras a partir de traduções de Antonio Medina Rodrigues. Em catálogo pela Editora 34.